CENTRO DE ESTUDOS DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E FILOSOFIA POLÍTICA

ASPECTOS POLÍTICOS E SOCIAIS DA LIBERDADE

DJACIR MENEZES

Nesses tempos agitados de mocidade inquieta, o facciosismo político habilmente explora as generosas inquietações. Faz pouco mais de uma década que ferveram com mais força ideologias redentoras na cabeça dos estudantes, que pretenderam ampliar a liberdade a limites desastrosos. A certa altura, apoderaram-se de prédio federal, fizeram piquetes de greve, ditaram acordos, capitaneados por sovietizinhos pós-púberes.

Professores foram proibidos de entrar no prédio da faculdade. Então ficamos a contemplar os alunos entrincheirados no edifício, impedindo que o paraninfo do curso de jornalismo, Carlos Lacerda, falasse na solenidade de entrega de diplomas. Voltamos todos para casa, deixando-os na praça sitiada pela polícia. Felizmente, tudo findou em paz, decepcionando a minoria ávida de mártires que dessem o tom heróico à propaganda.

Aqui nos interessa o problema da liberdade do ponto de vista do direito público. E deve-se começar por analisar o sentido desta liberdade em que minorias audaciosas comandam maiorias mais ou menos passivas. Na velha legislação constitucional, fala-se na liberdade de ir e vir, insinuando no espírito que a liberdade começa quase fisicamente. Lembro a anedota que ouvi ainda nos velhos tempos. O matuto compareceu preso e amarrado perante o delegado. Não conseguia explicar o que tinha ocorrido. "Doutor, desamarre as mãos que eu explico tudo, porque assim a palavra não vem não." É que o gesto já significa a palavra que evoca. A palavra é gesto vocálico e começa nos próprios braços e mãos.

Este aspecto aparentemente primário já revela, com efeito, atividade da mente. O problema da liberdade se inicia nas disposições e atitudes corporais. Não é problema a respeito de coisas, mas de pessoas. O sentido do problema começa na relação *interpessoal,* na convivência humana. Daí é que se torna *intrapessoal,* irradiando na consciência, evidenciando-se nas perplexidades da *opção.* Se não há possibilidade de optar, desaparece o sentido subjetivo da liberdade. Não recordarei aqui sequer o étimo *liber*

— que conota crescimento, porque o grego *leibo* indica o que cresce. Crescer é ritmo de expansão, tem suas leis. Liberdade não é situação de anomia, ausência do espírito normativo. Ela nasce no processo de convivência, é congruência entre seres semelhantes. É um aspecto da normatividade. A velha antonomia de "liberdade" e "autoridade" é antinomia inoperante, resultado da filosofia do século XVIII, que se agravou século XIX a dentro.

A liberdade é fenômeno sumamente espiritual. O crescer histórico da liberdade é função do conhecimento não só do mundo real, da estrutura do mundo físico, como também do mundo social, à medida que as leis são apreendidas pela consciência. Esta conscientização mostra a liberdade — sentimento em transição para a *racionalização da liberdade.*

Nesse sentido, as leis históricas e sociais conhecidas vão condicionando o processo de evolução humana, submetendo-o ao controle voluntário. Esse sentimento de liberdade incessantemente se fortalece. Quando falo em "consciência", lembro-me do indivíduo cujo apanágio é a liberdade, configurando-o como pessoa. A evolução da personalidade padece hoje os efeitos da tendência contrária, que é o avanço da massificação. Neste processo, a eliminação de prerrogativas racionais da pessoa humana termina na fabricação de títeres.

Contesto a distorção institucional a título de que a universidade representa o pensamento livre. Esse princípio é a fonte vital das universidades. Contesta o proselitismo, que pretende sufocar as maiorias congregadas no âmbito estudioso com finalidades que discrepam da instituição. Contesto a desvirtuação do princípio que se transmuda velhacamente no seu contrário, fazendo do campus universitário um campo de batalha social.

Basta ver o comportamento agressivo dessas maiorias exaltadas que confiscam a palavra do adversário onde quer que assumam a liderança. Quando certos diretórios acadêmicos, obedientes ao comando marxista, dominaram em curta fase da vida universitária, os piquetes de execução das greves intimidaram maiorias desprevenidas que não dispunham de órgão adequado para contraminar a escalada tecnicamente bem orientada do sectarismo. Eis por que está sempre mal posto o problema da liberdade universitária, nesse jogo de cartas marcadas. Não trago impressões de cristão novo. Evoco apenas a perspectiva do reitor que valorizou a ordem e a paz como condição para poder realizar alguma coisa duradoura; reclamei compreensão e apoio do alunado. Muito mais disse, há cerca de 10 anos, na Faculdade de Filosofia, quando era professor de história das doutrinas econômicas. Toda minha ação pedagógica se concentrava na dessectarização do espírito juvenil, que, pela sua impaciência generosa, é facilmente captável às ilusões dos caminhos messiânicos e das soluções rápidas. Se vencem, serão os primeiros trambolhos a serem alijados pelos reais condutores ocultos do movimento. Os estudantes não passam de brigadas de choque, utilizadas nesta fase do combate. É impresionante a mudez da universidade dos países totalitários.

O rumor das apoteoses é manipulação de massas domésticas, que se entusiasmam dentro dos programas do poder. Onde quer que uma perso-

nalidade se erga originalmente, o facão do partido único lhe corta a voz, isto é, para melhor segurança, o pescoço. Mas como é difícil convencer o sectário! Convencer medularmente de que só na liberdade se torna possível evitar a contaminação dessas mitologias em que se divinizam as massas. Assentam nessa massificação inicial: racismo, fascismo, marxismo, leninismo, stalinismo, vinhos da mesma pipa que pretendem realizar a justiça social e a liberdade intelectual. Onde encontrar a demonstração histórica das realizações? Nos países onde se implantaram, criaram a oligarquia burocrática, que confiscaram as conquistas democráticas. "Cassaram os direitos burgueses!", explicam. Mentira. Sujeitaram todos. E mesmo os que não se iludiram, o rolo compressor esmagou-os quando quiseram recuperar a voz. Até em assunto de genética, filosofia e teoria de relatividade, a censura foi asfixiante.

No triênio 1936-39, mais de um milhão e meio de membros do partido comunista soviético — metade do total — foram encarcerados, muitos deles torturados no curso de interrogatórios. Seiscentos mil transportados ou mortos em campos de concentração. Raríssimos os que, reabilitados, voltaram a cargos de direção. Quem no-lo conta é o físico nuclear Andrei Sakharov, do Instituto Lebedev, de Moscou. Sakharov bateu-se pela liberdade intelectual e teve o Prêmio Stalin em 1950. Insubmisso aos oligarcas do Partido, passou a ser suspeito ao regime, o que significa um risco de liberdade e de vida.

Dizem então os pregoeiros que se pretende desquitar os estudiosos das preocupações políticas. Não é verdade. Preservar o meio universitário dos encarniçamentos ideológicos e políticos não significa alienar os professores e alunos dos interesses vitais da comunidade, mas impedir que o campus se torne o centro de conspiração e os líderes universitários meros agentes de uma propaganda que alicia a juventude contra a ordem democrática. É curioso que esses advogados de uma universidade que submete todos os valores à crítica sejam exatamente os representantes de sistemas sociais que encabrestaram a universidade à burocracia do credo comunista.

Ao converter-se em órgão da ideologia oficial, ela perdeu a liberdade das opções intelectuais no litígio das doutrinas. Porque, de seu seio, desaparecem os litígios, decretando-se a uniformidade. Tais seitas promovem, valendo-se da liberdade existente, as violências que deflagram no *campus* da Berkeley, da Cornell, e de outras universidades norte-americanas. É um erro supor que uma política abdicatária contribui para apaziguar a intolerância dos agressores. Tivemos exemplos em algumas universidades do País, no tempo do governo Goulart, quando grupos estudantis, capitaneados por marxistas, pleiteavam a dominação dos colegiados, defendendo a idéia da "co-gestão" didática e administrativa das universidades. Assistimos a sessões de congregação onde a equipe dos líderes discentes, beneficiando-se da faixa ondulante de professores, alguns já amarelos de medo, outros avermelhados de ideologias, conseguiam obter decisões favoráveis a seus propósitos. Nas vésperas de 31 de março, o controle dos diretórios era visível, em quase todas as unidades, com algumas exceções.

Como disse o reitor da Universidade de Berkeley, não se nega o direito a manifestações inteiramente dissociadas dos programas que frustram a liberdade universitária pela intromissão das teses sociais e políticas que deveriam ser objeto de estudo de outros programas pelos respectivos especialistas.

Há, hoje, grande ressonância espiritual promovida pelos órgãos de comunicação responsáveis por essa padronização dos espíritos e por certa frustração da originalidade. Porque originalidade juvenil não é repertório de atitudes mais ou menos rebeldes, típicas do "cabeludismo" e de outras manifestações, superficiais e inócuas.

Com a deslocação da tônica para a técnica, o centro da vida universitária, do ponto de vista cultural, concentrou-se na pesquisa. O que se está vendo? Uma evolução dialética: a tese volve-se na sua contrária. Ora, toda vez que uma tese é agravada, alcança os limites em que gera organicamente a sua própria antítese.

Hegel nunca afirmou essas coisas de uma maneira tão simplista como fizeram depois os seus epígonos, usando as lentes de Marx. A afirmação se faz através do subjetivo, que define o objetivo. Quando Marx quis fazer, com aquela história de pôr a dialética nos verdadeiros pés, uma dialética materialista, eliminou toda a força que tem a dialética hegeliana. Sua dialética do concreto é falsa. No grego, *tese* é o que se põe, a afirmação. Nada vem de fora para combatê-la. A antítese, que se impõe, não lhe é estranha, aparecendo externamente como adversária. O ato de afirmar implica o de negar. Disse *ato,* logo estou no plano objetivo, onde vivem os conceitos, e nesse jogo do pensar é que cobram significados os aspectos do processo dialético. Não posso compreender o que é "norte" senão pela valência subterrânea que tem a semântica "sul". Falando em "esquerda", esta noção, dita soltamente, implica a sua contrária, que não foi enunciada, nem precisa sê-lo, porque está na imanência da contradição, que move o pensar. É a dinâmica do próprio espírito e está dentro da intimidade conceitual.

Vamos, porém, à tese. A universidade pôs a tônica na pesquisa, onde concentrou a atenção. Tudo é pesquisa. E chegou-se à conclusão de que o ensino feito, o ensino elaborado, que tem de ser transmitido, difere radicalmente da pesquisa que está nas áreas do conhecimento em elaboração. Toda a ação docente universitária não está empenhada na pesquisa, embora, nas condições em que se desenvolve a civilização moderna, ela represente o núcleo de elaboração de novos valores em todos os planos da cognocibilidade e da sensibilidade humana.

A universidade é o órgão seletivo da preparação de elites. Elites "abertas", capazes de dominar os métodos da ação científica, que são essencialmente métodos de reflexão e de crítica. Não desconheço que, ao falar de "elites", posso incorrer na ira ou prevenção dos que insistem na apologética das massas, exaltando-as como o supremo motor da história. Essa pregação perde todo seu *pathos* demagógico quando a análise sociológica desentranha os mecanismos que acionam os movimentos históricos. Não é esta a opor-

tunidade para aproximar-me do tema; apenas devo declarar que, ante a idolatria bárbara do número, conduzindo às estruturas irracionais das autocracias, creio ver o espírito universitário inclinar-se para a racionalidade qualitativa da consciência progressivamente iluminada pela expansão crescente do saber, em condição vital das democracias. E vem a calhar esta profunda reflexão de Pontes de Miranda: a educação superior frustra a possibilidade dos messias, corta o caminho dos demagogos, abate as bandeiras dos *meneurs,* porque substitui o voluntarismo carismático dos profetas pela verificação objetiva das verdades sociais.

O Instituto de Organização Racional do Trabalho do Rio de Janeiro — IDORT-RJ — como seus congêneres de outros estados, propõe-se a realizar e proporcionar a seus associados e demais interessados:

Intercâmbio internacional
Forum de estudos
Treinamento
Assistência técnica
Revista
Biblioteca
Prêmio de organização e administração
Congressos

Sede: Rua Prof. Alfredo Gomes, 22 — Rio de Janeiro, RJ.